

VIVER PSICOLOGIA

ANO II Nº 15 CR\$ 390,00

Manaus, Boa Vista, Macapá, Santarém (Via Aérea) CR\$ 510,00

**Infidelidade
e Aids**

**Até onde vai a
liberdade dos filhos**

**A educação
sexual nas escolas**

**Anticoncepcionais
e diminuição do
desejo**

**ÍNDIOS: VILLAS BOAS
FALA SOBRE A CHACINA**

Admirável Novo Homem

Para ser mais feliz o homem contemporâneo tem de reapreender a espontaneidade da criança que foi um dia. Superando obstáculos implantados culturalmente, descobrirá que pode chorar e emocionar-se como fazia quando menino

Ênio Brito Pinto

Diferentemente da média de meus colegas nestes anos em que venho trabalhando como psicoterapeuta, minha clientela tem sido predominantemente masculina. Até onde sei, este ainda é — infelizmente — um fenômeno raro, pois, via de regra, as mulheres costumam frequentar o consultório dos psicólogos com maior frequência que os homens. Não sei explicar o porquê desta peculiaridade. Tenho certeza de que o fato de eu ser homem facilita a procura masculina, uma vez que a maioria dos homens encontra dificuldades em se abrir, em se desnudar diante de uma mulher. E da forma como ainda é vista a mulher no mundo masculino, não é a toa que esta dificuldade aparece, principalmente entre os homens que hoje estão com mais de trinta anos. Sim, pois entre os mais jovens venho notando significativa e alvissareira mudança neste sentido.

A síndrome de John Wayne

Ainda assim, penso que o fato de ser mais fácil para um homem falar de si mesmo para

outro homem não explica suficientemente a predominância de homens em meu consultório. Há outros motivos, no entanto, inalcançáveis à minha compreensão. Fiquemos com o fato, pois é sobre o ser masculino que pretendo refletir, centrando-me especialmente numa característica muito comum no mundo dos homens, notadamente entre aqueles que se dedicam a alguma atividade na área das Ciências Exatas. Falo de uma tendência de não pedir — e geralmente sequer aceitar — ajuda diante dos problemas e das angústias que o “ir vivendo” traz para todos nós. Eu chamo este fenômeno de “Síndrome de John Wayne”, pois este ator se notabilizou interpretando personagens que eram fortes além de todos os limites.

Essa síndrome, fortemente cultural e arraigada em nossa sociedade, se manifesta como uma necessidade de ter sempre uma resposta, uma atitude ou uma explicação para qualquer situação. E mais: que esta resposta, atitude ou explicação seja completa e satisfatória, prescindindo de colaboração alheia. Não que um homem não peça opiniões, sugestões ou palpites a outra pes-

V I V E R



P S I C O L O G I A

soa. A maioria pede. O problema é que não ouvem aquilo que lhe dizem porque não se permitem encarar em profundidade um “não sei”. Não ouvem porque o pedido é endereçado muito mais para si mesmos que para os outros. Porque não podem crer que o outro tenha soluções que

discurso masculino tem mudado bastante. Mas as mudanças práticas pouco acompanham este discurso, trazendo uma divisão interna que leva os homens a estarem – no mais das vezes – perplexos. E não é para menos: exige-se do homem atitudes contraditórias e de difícil conciliação.

“Há uma tendência de não pedir ou de aceitar ajuda diante dos problemas e angústias do viver. Chamo esse fenômeno de Síndrome de John Wayne”

Não se pode titubear ou ser indeciso, mas a quantidade de informações de que se dispõe sobre si mesmo e sobre o mundo aumenta de tal forma que quase gera paralisção. Pedese que o homem lide melhor com suas emoções, que seja mais emocional e emocionado, mas

eles próprios não acharam; porque este pedido de opinião é feito sem emoção. Não ouvem pois têm medo de errar; temem fazer diferente da norma e por isto serem rejeitados. Temem parecer fracos, e isto não é coisa de homem.

“Um homem de moral não fica no chão, nem quer que mulher venha lhe dar a mão. Reconhece a queda e não desanima. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, diz a letra de uma música. Você já imaginou o Mickey pedindo um conselho para a Minnie? Um pensamento malvado na cabeça do Super-homem? Ou o Rambo com medo? Dá para imaginar Pedro Bala (ou qualquer outro personagem de Jorge Amado) dizendo a uma mulher que naquele determinado momento não está disposto para o sexo? Não é engraçado e constrangedor um homem ter medo ou nojo de barata? Até quando as lágrimas dos homens só poderão ser vertidas em copos de bebidas? E por aí afora... Não faltam exemplos da falsa noção de autonomia e do medo imenso da intimidade e da delicadeza que nossa cultura transmite aos homens.

É bem verdade que nos últimos anos o

socialmente admira-se o homem duro. É função dos novos pais cuidarem mais dos filhos, deixarem de ser apenas provedores do lar para serem companheiros mais participantes. Mas como, se quando meninos não puderam brincar de casinha ou ter uma boneca, treinando-se para esta exigência social?

Correntes imaginárias de Prometeu

O resultado é perplexidade, confusão, indecisão sobre onde e como apoiar os pés. Crise de identidade que os homens resolvem tentando dar conta de tudo, sem parar para refletir sobre a coerência do que lhes é pedido, se é possível cumprir todas as exigências. Então, o homem não olha para seus limites e perde a noção de suas fronteiras de contato. Sobrecarrega-se e tenta recuperar-se diariamente como o fígado de Prometeu, sem sequer perceber que as correntes que o impedem de lutar contra o abutre são puramente imaginárias. Tenta ampliar seu campo de percepção e sua autonomia de forma ilusória, respondendo cada vez com maior heteronomia ao que

se lhe exige.

Divorcia-se de si mesmo, permeando com álcool, drogas ou trabalho excessivo, as possíveis intimidades consigo mesmo ou com os outros. Teme o silêncio, teme olhar estrelas, com medo de encontrar-se consigo mesmo e perceber que aquilo que está se propondo é tremendamente ilusório e inalcançável. Gera falsas necessidades, consome, compete, esquece-se do cuidado de se perguntar o para quê disto tudo. Não respira, entontece, o estômago chia, a cabeça dói, o corpo pede para ser ouvido e respeitado, mas a ordem é superar-se, alcançar sabe-se lá o que. Age por instinto, achando que está sendo racional. Não se treina para entender a linguagem dos instintos, e confunde alhos com bugalhos, necessidades com desejos, alegria com alienação.

Descobrimo o próprio ritmo

Nosso homem contemporâneo esqueceu-se, no mais das vezes, de se perguntar “o que eu quero?”, trocando esta questão fundamental por “o que é que eu devo?”. Abdica de sua autonomia fundamental em troca de recompensas desnecessárias (embora as vezes desejáveis) e perde a noção de simplicidade. Vive acumulado de coisas e de obrigações, para, vez por outra, como John Wayne em muitos de seus filmes, admirar suas riquezas postando-se solitário num morro, ao lado de uma solitária árvore cujas companheiras cederam lugar ao pasto para o gado. Solitário, ele observa o que tem; poderá acrescentar a isto uma interrogação e uma observação sobre o que é? Tomara que sim.

Porque, então, ele poderá dizer como o

poeta Gonzaguinha que “um homem também chora, também deseja colo, palavras amenas.” E, a partir daí, iniciar um trabalho de real expansão de suas fronteiras de contato, sabendo que para isto precisará aprender a ser cuidadoso e carinhoso consigo mesmo. Que necessitará, antes de tudo, parar para “re-conhecer” suas fronteiras: o que ele pode, o que não pode, o que espera poder, o que quer e o que não quer. Saberá que é mister descobrir o próprio ritmo em meio à algazarra social em que vive, buscando um equilíbrio entre a doação e a cobrança, entre a solidude e a solidariedade, entre atividade e descanso, entre força e fraqueza, entre coragem e medo. Perceberá, então, que se tentar passar pelo tempo com uma velocidade maior do que a que pode, inevitavelmente, deixará para trás o melhor de si.

Mais que tudo, descobrirá que não existem receitas. O que é bom para a maioria não é necessariamente bom para cada um. Quando se quiser alcançar uma vida realmente significativa, o homem descobrirá que o caminho se faz caminhando, e que o “ir vivendo” requer cuidado,

“O Homem moderno tenta recuperar-se diariamente como o fígado de Prometeu, sem perceber que as correntes que o prendem são imaginárias”

amor, criatividade e muita, muita paciência. Além disso, requer uma boa dose de tolerância para suportar o nosso provisório “estar sendo” no mundo. Ψ

Ênio Brito Pinto é psicólogo, gestalt-terapeuta e professor de orientação sexual